

ALE SANTOS • BÁRBARA MORAIS • FERNANDA NIA
JIM ANOTSU • OLÍVIA PILAR • VITOR MARTINS

TO MUN DO DO

TEVI
UMA **PRIMEIRA**

VEZ

PLATA
FORMA 21

Todo mundo tem uma primeira vez

© 2019 VR Editora S.A.

Cangoma © 2019 Ale Santos; *Confissões* © 2019 Bárbara Moraes;

O herói na sala 307 © 2019 Fernanda Nia; *O melhor de todos* © 2019 Jim Anotsu; *Dança Comigo?*

© 2019 Olívia Pilar; *Sete frases que poderiam mudar tudo* © 2019 Vitor Martins

Plataforma21 é o selo jovem da VR Editora

Direção editorial Marco Garcia

Edição Tháise Costa Macêdo

Editora-assistente Natália Chagas Máximo

Colaboração Fabrício Valério

Preparação Carla Bitelli

Revisão Juliana Bormio de Sousa e Malu Rangel

Capa, projeto gráfico e diagramação Rafael Nobre

Fotografia dos autores Ale Santos © Gleba do Pêssego (p. 208); Jim Anotsu © Marcos T. Fuse (p. 214); Olívia Pilar © Marcos Henrique Michelin (p. 216); fotografias de Bárbara Moraes (p. 210), Fernanda Nia (p. 212) e Vitor Martins (p. 218) são de arquivo pessoal dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todo mundo tem uma primeira vez [livro eletrônico]/ Ale Santos... [et al.]. – São Paulo : Plataforma21, 2019.

Outros autores: Bárbara Moraes, Fernanda Nia,

Jim Anotsu, Olívia Pilar, Vitor Martins.

ISBN 978-65-5008-015-0

1. Ficção - Coletâneas 2. Ficção juvenil

3. Literatura brasileira I. Santos, Ale. II. Moraes,

Bárbara. III. Nia, Fernanda. IV. Anotsu, Jim.

V. Pilar, Olívia. VI. Martins, Vitor.

19-29313 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à

VR EDITORA S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

APRESENTAÇÃO

ESCREVA PARA TRANSFORMAR VER PARA MAR

Quando terminei de ler os contos que você vai conhecer agora, pensei na minha geração, na minha própria adolescência nos anos oitenta e noventa. Éramos jovens desbravando a vida em um Brasil que acabava de sair de uma ditadura militar.

Tentávamos entender os passos de uma democracia, lutamos por eleições diretas e acompanhamos o nascimento de uma Constituição que prometia colocar as coisas nos eixos. Tínhamos esperanças. Em honra dos que sofreram e morreram para que essa liberdade pudesse raiar, pisamos forte no chão como quem acorda para vencer depois de um pesadelo.

Muito tempo passou. Agora sou adulta e leio jovens autores como o Vitor, a Olívia, o Jim, a Fernanda, a Bárbara e o Ale com orgulho e alegria. Acompanho suas carreiras, e enxergo com a perspectiva de quem sabe exatamente o caminho percorrido por tantos para que eles hoje possam falar abertamente sobre os temas necessários e urgentes tratados neste livro.

Historicamente, somos um país que sempre está clamando por liberdade, em contextos distintos. Pois comemoremos o fato de que os seis autores deste livro podem encarar os temas importantes e urgentes que os contos trazem à tona, multiplicando a voz de tantos que já sofreram por causa da homofobia, do racismo e de todo e qualquer tipo de violência contra os nossos direitos fundamentais.

A Literatura é uma herança. Quem escreve hoje, no Brasil, carrega nas mãos uma história de muitos autores que vieram antes, mas também dos que não tiveram voz. Carrega, também, a

responsabilidade de escrever um novo mapa, uma rota, a construção de um farol para quem está vindo passos atrás, tentando aprender sobre a vida.

Daqui a pouco o Vitor, a Olívia, o Jim, a Fernanda, a Bárbara e o Ale serão mais velhos, olhando para a geração que virá. E terão orgulho da própria coragem de abraçar a literatura, de escrever, aprender, falar do que precisa ser dito.

A vida passa bem rápido, parece uma piscada. Enquanto vai passando a gente aprende sobre o que realmente vale a pena. As coisas que valem estão escritas aqui, nos seis contos: amizade, amor, solidariedade, coragem, risco, aventuras, emoção, humor, família, a descoberta de que o mundo é grande, é gigante e espera por nós.

Seis autores, seis estilos, seis vozes fortes falando da primeira vez em que o coração bate mais forte, por motivos diversos. Impossível não identificar a própria vida nas histórias que eles contam aqui, você vai ver. Sorte mesmo é quem aprende que fazer qualquer coisa pela primeira vez é sempre bom, nunca é tarde demais, é necessário, faz a vida valer a pena.

A adolescente que eu fui adoraria deitar na rede, segurar este livro nas mãos e só soltar na última página. Ela ainda mora aqui dentro e está feliz. São tempos difíceis, mas a palavra tem sido, cada vez mais, um forte instrumento de transformação. A palavra coragem, sobretudo, é nossa maior guardiã.

SOCORRO ACIOLI é cearense nascida em Fortaleza. Jornalista, escritora, doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense e professora de Escrita Literária.

SETE

FRASES

QUE PODERIAM

**MUDAR
M.TUDO**

VITOR MARTINS

É noite de sexta-feira e eu estou cansado, sozinho e sem dinheiro. As leituras da faculdade se acumulam na mesa de cabeceira e, por mais que eu saiba que preciso estudar, meu corpo não obedece aos comandos. Abro um pacote de Doritos, deito na cama encarando o *notebook* e *display* em mais um episódio *Queer Eye*. É mais forte do que eu.

Tenho vivido no automático nos últimos meses, e em parte isso é bom. Estágio, faculdade, *casualty shows* que me fazem chorar imaginando a possibilidade de um grupo de cinco gays causarem uma mudança repentina na minha qualidade de vida. O ciclo se repete todos os dias, mas eu não reclamo, porque ele me mantém longe de qualquer drama. É o que me impede de lembrar dos dias em que as coisas eram melhores pra então, de repente, ficarem horríveis.

Tudo indicava que esta seria uma sexta-feira como outra qualquer, mas quando uma janela aparece no cantinho direito do meu computador indicando *email* novo e invadindo a tela que até então só me mostrava uma cena inofensiva do Antoni Porowski preparando um cachorro-quente, eu quase paro de respirar.

Sempre achei estúpido quando, nos livros de romance, o protagonista diz que “soltou o ar que nem sabia que estava segurando”, mas hoje isso finalmente faz sentido pra mim. Depois de prender a respiração por uns cinco segundos, libero uma longa bufada de ar quente, que sai como um bafo apimentado por causa do Doritos, e clico na notificação, que me leva para a minha caixa de *email* me mostra o que acabou de chegar.

De: **Henrique Júnior (rique_jr@email.com)**

Para: **Adriano Castro (adri.castro@email.com)**

Assunto: **Oi**

Adri,

Eu vou ser direto. Estou arrependido. Queria tentar de novo.

Esquecer tudo o que passou. Começar do zero. Viver tudo como se fosse a primeira vez. Me dá mais uma chance?

e-mail Ele nem assina o . Não termina com “Beijos” ou “Espero sua resposta” ou “() Sim / () Não” nem nada disso. Assim como foi embora, Henrique reaparece na minha vida: do nada, como aquelas chuvas de verão que duram meia hora e só servem pra te molhar no caminho do metrô até sua casa. Ele chega, diz sete frases que poderiam mudar tudo, e vai embora deixando a bomba-relógio na minha mão.

Faz quase um ano que nós dois não nos falamos. Quase um ano que eu não recebo nenhuma notificação com seu nome. No entanto, o efeito continua sendo o mesmo de quando éramos namorados e ele me mandava áudios bonitinhos de boa-noite imitando a voz do Pato Donald. Meu coração acelera.

Eu não sei o que responder. Releio as sete frases um milhão de vezes, procurando algum sinal nas entrelinhas que me mostre que ele é o mesmo Henrique que eu conheci. Mas é tudo tão frio, tão ~~genérico~~. Eu poderia até achar que o é um trote, mas reconheço a conta dele. Ao lado do seu nome está a foto minúscula de Henrique sentado a uma mesa de restaurante, olhando para o lado e sorrindo. Tem uma árvore no fundo, e o contraste do verde com a camiseta vermelha dele fica muito bonito. Foi eu que tirei essa foto. Foi eu que falei para ele olhar pro lado e sorrir, porque sempre amei o nariz de Henrique.

Eu não sei o que responder.

Fecho o com força, empurro para debaixo da cama e me cubro até o pescoço com o cobertor, como se estivesse me escondendo do fantasma de Henrique. Eu vou dormir, pensar nisso amanhã, conversar com meus amigos e tomar uma decisão. Pela primeira vez na vida, serei sensato e não vou tomar atitudes sem pensar, porque isso nunca me trouxe nada de bom. Eu vou dormir. Vou resolver depois. Vou esquecer Henrique.

Bem, quem eu estou querendo enganar? É óbvio que não consigo dormir. Concluo isso em menos de três minutos, então puxo o *e-mail* de volta para o meu colo e encaro a janelinha do .

Eu vou responder. Vou responder agora. Sinto que tenho muita coisa pra falar e decido aproveitar este momento de coragem para botar tudo pra fora, porque não sei quando vou ter coragem de novo. É só um . São só sete frases.

Penso em colocar para tocar a que fiz para nós dois, abandonada desde que tudo acabou, mas deixo pra lá. O silêncio vai ser a trilha sonora disso aqui. Respiro fundo e começo a digitar.

De: **Adriano Castro (adri.castro@email.com)**

Para: **Henrique Júnior (rique_jr@email.com)**

Assunto: **Re: Oi**

Oi, Rique,

Eu não estava esperando receber notícias suas hoje. Não estava esperando saber que você se arrependeu e quer começar tudo de novo. Eu achei que você já tinha me esquecido. Mas eu não te esqueci. Eu ainda penso em você quase todos os dias e, sabe? É difícilllllaaaiundwaunsoa aaaaaaaaaaa

Deleto tudo. Respiro fundo. Começo de novo.

Rique!!!

Eu estava comendo Doritos quando seu *e-mail* chegou, lembrando de como você gostava de lamber meus dedos quando eu comia Doritos porque você odiava a textura de Doritos, mas amava o sabor daquele pozinho laranja. Isso nunca fez sentido pra mim porque quem não gosta da *textura* de Doritos???

Apago de novo. Isso vai ser bem mais difícil do que eu imaginava. Mas preciso ser honesto. Honesto com Henrique e, principalmente, comigo mesmo. Releio as sete frases pelo que me parece ser a bilionésima vez e enfim sei como começar.

Oi, Henrique,

Saber que você está arrependido e quer viver tudo de novo, como se fosse a primeira vez, me pegou de surpresa. Me fez lembrar de

todas as primeiras vezes que eu vivi com você e, parando pra pensar, nossa história sempre girou em torno delas, né? Eu te conheci no meu primeiro emprego e tenho lembranças boas daqueles dias até hoje.

Não sei o que se passava na minha cabeça quando aceitei a vaga de animador de festa infantil. Eu estava quase me formando no Ensino Médio e não tinha experiência em nada. Achar um emprego parecia uma missão impossível até rolar o trampo lá na casa de festas. Foi coisa da minha tia. Ela disse que o dinheiro era bom e o trabalho era discreto.

Pelo menos uma coisa era verdade, mas infelizmente não era a parte do dinheiro. O trabalho era mesmo discreto. Ninguém seria capaz de me reconhecer por baixo daquela fantasia de Pikachu que pesava duzentos quilos e era quente feito um forno.

Eu me lembro do dia em que te contrataram. A dona da casa de festas (qual era mesmo o nome dela? Sônia? Antônia?) entrou muito empolgada falando que tinha arrumado o Pato Donald perfeito. A fantasia já tinha sido alugada e o novo funcionário imitava o Donald como ninguém. Lembro de ela comentar que, se eu fechasse os olhos, daria pra acreditar que era o pato de verdade – e eu não soube como dizer que, bem, não existe Pato Donald de verdade.

Nem te vi chegar no primeiro dia. Era uma festa de onze anos, eu não esqueço. Crianças de onze anos eram as piores, porque elas já tinham perdido a capacidade de acreditar nas fantasias horríveis que a gente usava e tentavam a todo custo arrancar a cabeça de espuma enquanto gritavam: “ESSE NÃO É O PIKACHU, É UM HOMEM FANTASIADO!!!”.

Eu te juro que ouço esses gritos nos meus pesadelos até hoje. Daí você apareceu, com sua fantasia encardida de Donald, fazendo uma imitação impecável e chamando a atenção das crianças, e todas elas decidiram parar de tentar me desmascarar. Você praticamente *salvou a minha vida*, e eu nunca te agradeci. Então, se este *e-mail* no fim das contas servir para alguma coisa, que seja para te agradecer por aquele dia.

Quando a festa acabou e fomos nos trocar, fiquei chocado quando descobri que você era bonito. Ninguém espera que, por baixo daquela fantasia horrorosa, estivesse alguém *como você*. Porque, sério, Henrique, você poderia trabalhar como modelo até naquela época. Cobrir você inteiro com uma fantasia de espuma era um desperdício. Acho que eu disse isso em voz alta um dia, não disse? Foi uns dois meses depois, um pouco antes de a gente se beijar. Nosso primeiro beijo não foi o *meu* primeiro beijo, mas foi o motivo da minha primeira demissão. Lembra daquela garotinha que viu a gente junto na cozinha do salão de festas e saiu gritando: “O PIKACHU E O PATO DONALD ESTÃO SE BEIJANDO!!!”?

A gente deu bobeira demais naquele dia. Mas, sabe, eu não me arrependo. Quando tomei coragem pra te beijar pela primeira vez, experimentei um daqueles momentos de filme em que tudo acontece em câmera lenta e um solo de saxofone começa a tocar ao fundo. Não é todo dia que a gente vive um momento *desses*, né? Claro que não gostei da nossa demissão, que aconteceu logo depois, mas também não é como se quiséssemos seguir a carreira de animadores de festa infantil. E, no fim das contas, a gente ganhou uma história engraçada sobre primeiro beijo pra contar. Eu, pelo menos, contei essa um milhão de vezes.

Um milhão e uma. Porque acabei de repetir tudo pra você, que não apenas já conhecia a história como também a viveu. Peço desculpa por isso, mas a culpa é sua por estar me fazendo lembrar dos momentos bons que vivi com você.

Você, que me mandou sete frases, vai acabar recebendo um livro de memórias como resposta.

Lembra o nosso primeiro filme juntos? Foi antes do beijo, não foi? Eu sei que, um dia, depois do trabalho, eu falei: “Ei, quer ir ao cinema qualquer dia desses?”. E você disse que sim. Eu estava muito a fim de você e achei que te chamar pra ver um filme seria o início de nós dois. (Não foi.) (Mas, olhando agora, acho que foi sim.) A gente passou dois anos juntos, e tudo o que aconteceu às vezes se mistura na minha cabeça como uma grande massa de Henrique, não consigo separar o começo do meio e do fim. Mas o

primeiro cinema foi antes do primeiro beijo, sem dúvida. Eu não tive coragem de te beijar no cinema, e você também não demonstrou que queria me beijar. Você sempre foi ruim em demonstrar coisas, né, Henrique? Talvez esse tenha sido um dos pedaços da massa de coisas que fizeram com que a gente terminasse.

Eu nem sei por que estou com essa coisa de falar sobre massas. Nem faz sentido. Acho que estou com fome, mesmo tendo acabado de detonar um saco de Doritos (daqueles bem grandes que as pessoas compram pra dividir, mas eu compro pra comer sozinho). Estou comendo muito porque estou nervoso. No caso, ansioso. Lembrar disso tudo me deixa ansioso.

Na noite do nosso primeiro filme, eu estava quase tão elétrico quanto estou agora. Comi um balde gigante de pipoca antes dos *trailers* terminarem e depois não fazia ideia de onde enfiar minha mão. Eu sabia que você era gay porque você tinha deixado bem óbvio no trabalho: falava coisas sobre o seu ex-namorado, sobre *caras* e sobre *coisas que queria fazer com outros caras*. Você sempre foi tão confiante... Eu meio que invejava isso em você. Do seu lado, me sentia uma batata. Às vezes eu me pergunto se a gente teria durado mais tempo se eu fosse mais confiante e menos batata. Acho que foi naquela noite que me apaixonei por você.

A gente estava sentado quase na ponta da fileira. Éramos tipo J2 e J3. E chegou um casal que só tinha conseguido comprar as poltronas J1 e J4. Você sugeriu trocar de lugar para que eles ficassem juntos, pulou para a J1 e deu seu lugar pra moça assistir ao filme do lado do namorado. Você lembra de ter feito isso? Porque foi nesse momento que percebi que você tinha um coração bom e prestava atenção ao que estava acontecendo à sua volta.

Eu não lembro qual filme a gente assistiu. Lembro dos números das nossas poltronas, mas não do filme. Acho que minha memória só decidiu ficar com o que era importante.

Você lembra da primeira vez que andamos de mãos dadas na rua? Foi logo depois que oficializamos o namoro. Que *você* me pediu em namoro, na verdade. Isso também conta com uma das minhas

primeiras vezes com você. Foi o primeiro pedido de namoro que eu disse “sim” (na quarta série, uma garota chamada Daiane me pediu em namoro na hora do recreio e eu não aceitei). Você foi meu primeiro “sim”.

A gente estava passeando numa livraria depois da aula. Você tinha que trabalhar às três da tarde e eu não tinha nada pra fazer, porque, depois da demissão da casa de festas, não arrumei nenhum outro trabalho até terminar o Ensino Médio. Na época, tinha um livro famoso desses de negócios e empreendedorismo com o título “Deixa eu te fazer uma pergunta importante”, e você chegou, do nada, e colocou o livro na minha mão. Eu demorei muito para entender que você queria me fazer uma pergunta importante. E que era pra eu abrir o livro. Meu Deus, eu era tão devagar pra entender as coisas! Você quase teve que abrir o livro pra mim. Quando vi um *post-it* colado na primeira página, com aquele “Quer namorar comigo?” escrito, eu tive vontade de gritar. Foi bem fofo, e você ganhou muitos pontos por pensar em um pedido de namoro tão criativo gastando zero reais. Eu guardei aquele *post-it* por muito tempo. Deve estar aqui em casa até hoje, numa caixa de tranqueiras que fica dentro do meu guarda-roupa.

Sua letra era feia, Henrique. Acho que nunca tive coragem de dizer isso, mas estou dizendo agora. Sua letra sempre foi muito feia. Parecia um rabisco constante. Parecia aquela capa do CD do Joy Division que você sempre escutava e que eu fingia gostar só pra te agradar.

Me sinto aliviado de finalmente poder colocar isso pra fora. De um ano pra cá, desde que a gente terminou, eu me peguei pensando várias vezes no que eu poderia ter feito para evitar o fim, e ser sincero está sempre em primeiro lugar. Tinha medo de tudo o que poderia acontecer se dissesse as minhas opiniões sem filtro nenhum. Tinha medo de você querer terminar comigo se eu te contasse que achava Joy Division horrível. Cada medo estúpido, sabe?

Mas aí, foi isso. E a primeira vez que a gente andou de mãos dadas em público? Foi logo depois que eu disse sim para a sua “pergunta

importante”. Nós saímos da livraria de mãos dadas e eu te acompanhei até a farmácia onde você trabalhava.

Eu lembro que senti um pouco de medo naquele dia. Medo de ser julgado por estranhos. Medo de ser encontrado por conhecidos. Mas, sei lá, você sempre me passou uma sensação de proteção muito grande. Eu me sentia invencível ao seu lado, e às vezes me pergunto se você também se sentia assim quando estava comigo. Invencível.

Andar com você e falar para os meus amigos que eu tinha um NAMORADO, assim, com todas as letras em maiúsculo, era surreal demais pra mim. Desde que eu tinha aceitado (mais ou menos) a minha sexualidade, tinha me conformado de que ser gay sempre seria uma via de mão dupla pra mim. Ao mesmo tempo em que poderia viver tranquilo, sendo quem eu realmente era, acreditava que ser eu mesmo significava envelhecer sozinho e afastar todo mundo pelo resto da vida. Quando eu disse sim pra você, tudo mudou. Tive certeza de que não iria envelhecer sozinho. Eu iria envelhecer ao seu lado, criando uma horta nos fundos da nossa casa e contando para os nossos netos sobre como a primeira vez em que a gente se beijou foi também o primeiro beijo do Pikachu com o Pato Donald. Em um segundo, fui capaz de imaginar nosso futuro inteiro acontecendo do jeito mais surreal possível.

Gays intensas.

Hoje eu lembro e dou risada. Porque nem se a gente tivesse dado certo o meu ideal de velhice feliz iria acontecer. Você sempre disse que não queria ter filhos. Eu acreditava que com o tempo você iria rever suas ideias e seria atingido pelo raio da paternidade.

A gente tinha dezessete anos, Henrique!!! Olha o tipo de coisa que eu pensava aos dezessete anos!!!

Gays PRA LÁ de intensas.

Foi isso que sua amiga Renata disse pra mim quando eu conheci seus amigos. “Você é aquariano, né? O Henrique me contou que você é intenso.” Na hora eu dei risada e fiquei chocado com o fato de ela ter conseguido adivinhar meu signo assim, do nada. Depois,

é claro, fiquei pensando e repassando aquela conversa na minha cabeça por muitos e muitos dias.

Conhecer seus amigos foi um passo muito importante pra mim. Era quase como conhecer sua família. Eu sabia que qualquer coisa que eu fizesse de errado seria levada em conta na soma final dos pontos. Me senti avaliado por todo mundo, menos pela Renata, que, apesar da coisa do signo, sempre foi muito legal comigo. Mas os outros... Sei lá, viu? Acho até hoje que todos os seus amigos me odeiam. E não do jeito que a gente tem a obrigação moral de odiar o ex do nosso melhor amigo. Eles me odiavam bem antes de a gente ser ex. Inclusive, por favor, me confirme isso assim que possível!!!

E aquele seu amigo Gael. Ele era totalmente a fim de você, não era? Porque ele parecia se esforçar *tanto* para rebater qualquer coisinha que eu falava. Ele odiava tudo, não era possível! Eu comentei qualquer coisa sobre miojo sabor tomate e ele fez questão de levantar da mesa e dizer, com estas exatas palavras, que “miojo de galinha caipira PISA no miojo de tomate”. Ele estava realmente investindo em uma briga sobre sabores de miojo!!! Só podia ser porque ele me odiava. Além do mais, eu duvido que ele se chame Gael de fato. Ninguém se chama *Gael*. Por favor, me confirme isso também!

Para ser sincero, acho que tudo bem, porque eu sempre odiei seus amigos, Henrique. É bom poder dizer isso, também. Menos a Renata. Eu gosto da Renata de verdade, e tem dias que me pergunto se seria estranho chamar ela para tomar um café, sei lá. Não quero roubar sua amiga nem nada. Só tenho saudade dela. Acho que parte de mim ainda é muito grata por toda a ajuda que a Renata nos deu quando chegou a hora da nossa primeira vez. *Aquela* primeira vez. Até hoje não sei se foi você que pediu ou se ela ofereceu a casa dela pra gente transar. Acho que seria bem a cara dela. Oferecer a casa e tal.

A gente já estava junto fazia uns três meses, eu tinha entrado na faculdade e você também, e, por mais que eu quisesse que tudo acontecesse de um jeito especial e planejado, eu estava

desesperado para fazer sexo. Na minha turma, as pessoas só falavam sobre sexo o tempo todo e eu me sentia muito deslocado. Era tipo quando você está num grupo de conversa e alguém comenta sobre como o verão na Irlanda é uma delícia, e outra pessoa começa a mostrar as fotos das férias na Grécia, e de repente alguém pergunta “Mas vocês já conhecem a Disney do Japão?”, e você fica em silêncio porque a viagem mais longe que já fez foi de ônibus. Para Uberaba.

Era assim que eu me sentia toda vez que falavam sobre sexo perto de mim. Só que a angústia era ainda mais intensa, porque, diferente de viajar pra fora do país, dá pra fazer sexo de graça!!! Eu só queria fazer logo. E nem era pra contar pros outros. Era só pra saber que já tinha feito.

Acho que esse meu desespero todo foi o grande culpado pela nossa primeira vez ter sido horrível. Você também achou horrível? A gente nunca conversou honestamente sobre isso. Durou, sei lá, uns quinze minutos. Daí você perguntou: “Adri, foi bom?”, e eu menti, óbvio. Eu não tinha nenhum parâmetro pra saber se havia sido bom ou ruim, mas tinha certeza de que poderia ser melhor. E mais pra frente foi.

Nossa segunda vez foi um pouco mais delicada e menos apressada, mas a *terceira* vez! Nossa, a terceira vez foi incrível. Acho que quando eu for velho e minha memória começar a ser mais seletiva, meu cérebro vai apagar completamente as duas primeiras e guardar a terceira vez como minha primeira experiência sexual oficial. A gente descobriu finalmente o encaixe perfeito de nós dois (o emocional e, bem, o das outras coisas). Parecia que éramos duas caixas de som tocando a mesma música ao mesmo tempo, finalmente sincronizados. Eu não vou ficar arrumando eufemismos pra falar sobre como a gente se aperfeiçoou sexualmente. Você sabe. Você estava lá. A gente ficou muito bom nisso.

E eu confesso que, desde que a gente terminou, pensei algumas vezes em te ligar pra sugerir só um sexo rápido e sem compromisso. A gente não precisaria nem conversar. Seria só pra matar a saudade da coisa física.

Mas eu nunca fiz isso porque sabia o que vinha depois. Depois da nossa terceira vez, você disse que me amava pela primeira vez.

Eu fiquei confuso, porque foi exatamente depois. Nem um segundo antes. Você ainda estava ofegante quando disse: “Caralho, Adri! Eu te amo!”, e eu achei que era o tipo de coisa que as pessoas dizem quando estão com muito tesão, sei lá. Achei que esse fosse o seu fetiche: amor.

Só que depois você repetiu que me amava, e não como alguém que espera uma resposta e só diz que ama pra ouvir que também é amado. Você repetiu enquanto apertava o lóbulo da minha orelha, que era meio que *a nossa coisa*. Daí eu tive certeza e, pela primeira vez, disse que também te amava.

Eu já sabia que te amava. Eu já sabia mesmo depois da nossa primeira transa desastrosa, mas não queria ser o primeiro a dizer. Fico feliz que você tenha falado antes.

Algumas semanas depois do primeiro “eu te amo”, foi meu aniversário de dezenove anos, e acho que naquele momento eu estava vivendo o auge da minha felicidade. Fomos para um barzinho juntos, te apresentei aos meus amigos e todo mundo adorou você. Eu ficava feliz demais toda vez que você contava uma piada e meus amigos gargalhavam alto. Você contava sobre os seus planos de estudar música e sobre o seu processo de compor letras, e todo mundo achava incrível. Você era lindo, talentoso, engraçado e sabia como capturar a atenção de qualquer um. Eu me sentia namorando um astro do *rock*. Ou um “astro do *indie* acústico experimental”, como você gostava de chamar o tipo de música que fazia.

Em pouco tempo, consegui um estágio e dinheiro suficiente para ir morar sozinho em uma quitinete minúscula na zona norte. Ainda moro aqui, caso você esteja se perguntando. E tem dias que são difíceis, porque cada canto desses dezoito metros quadrados me lembra você. Porque, quando a gente não precisou mais contar com a boa vontade da Renata para emprestar o apartamento dela para fazermos sexo, a coisa ficou muito mais intensa.

Ter um lugar só meu não significou apenas ter um lugar para transar. Significou ter um lugar pra construir alguma coisa juntos. E acho que talvez tenha sido um erro. Eu odeio o argumento “a gente era novo demais”, mas acho que, no fim das contas, foi isso que fez a gente acabar. Éramos novos demais, pelo menos para viver como nós vivíamos.

Mas eu aproveitei cada segundo e foi tão bom. Nos fins de semana em que você ficava aqui em casa, eu conseguia vislumbrar como seria o futuro de nós dois. Aos poucos, você foi ficando e ficando. E, quando eu percebi, você já tinha um pijama (aquela camiseta velha com estampa de surfista que você usava pra dormir, toda respingada de tinta amarela de quando me ajudou a pintar uma das paredes da quitinete), uma escova de dentes (que você comprou na farmácia que tem aqui debaixo do prédio, junto com um antialérgico pra mim e um pacote daquelas camisinhas com sabor que a gente nunca conseguiu usar, porque eram verdes e, quando eu te vi com uma delas, não consegui parar de rir) e o seu próprio xampu, porque se sentia culpado de usar o meu, de cinquenta reais, mesmo quando eu insistia que não tinha problema e que não adiantava nada pagar barato e encher seu cabelo de sulfato. Você nunca ligou pro sulfato, sempre escolheu xampu baseado no preço e na cor da embalagem, e o seu cabelo sempre foi lindo mesmo assim. Que ódio.

As lembranças das vezes em que dormi fazendo cafuné em Henrique me tiram do transe e eu volto à realidade. Encaro a tela do meu e passo rapidamente os olhos por tudo o que escrevi até agora. Acho que, depois de tanto tempo fugindo e evitando ao máximo pensar em nós dois, eu havia me esquecido completamente das coisas boas que vivemos juntos.

Passar esse tempo todo me lembrando de tudo o que aconteceu faz com que eu questione se a nossa história acabou. Me pego pensando se Rique e eu somos tipo aqueles casais de filme que se conheceram na hora errada e ficam indo e voltando até o momento certo aparecer. Me pergunto se agora é o momento certo.

Se tudo o que a gente viveu junto e todas as minhas primeiras vezes com Henrique me trouxeram para este exato momento: esta madrugada um pouco triste e solitária em que eu só queria comer Doritos e dormir, mas fui surpreendido por um [redacted] que nunca pensei que chegaria.

Preciso me controlar para não apagar tudo, digitar “EU TOPO SIM, VAMOS NOS VER ESTA SEMANA? AMANHÃ? TÁ LIVRE AGORA???” e clicar em “enviar”, porque a saudade de estar com alguém grita alto hoje. Mas alguma parte de mim que ainda tem o mínimo de prudência me impede de agir assim.

Olho para o relógio no canto da tela do computador. Já são quase uma e meia da madrugada e eu sei que não vou conseguir dormir. Penso em ligar para qualquer um dos meus amigos, mas sei que eles estão dormindo, ou bebendo, ou ocupados demais pra me ouvir falar sobre o Henrique mais uma vez. É triste pensar que, agora, sou apenas eu aqui no quarto. E eu não costumo confiar muito em mim.

Sem saber direito o que fazer, coloco a [redacted] de nós dois para tocar e continuo escrevendo. Eu não tenho mais nada a perder.

Fazer carinho no seu cabelo até pegar no sono é uma das coisas que mais me fez falta nos primeiros meses depois do término, sabe? A falta de você na minha vida aparecia nas coisas mais bobas, nos detalhes mais idiotas. E o detalhe é o que machuca mais. Eu não me sentia mal quando aparecia em qualquer festa da faculdade sem você, alguém perguntava “Ué? Cadê seu namorado?” e eu respondia com um sorriso amarelo que a gente tinha terminado. No fundo, eu até achava graça, porque a cara da pessoa era sempre impagável. Mas toda vez que alguém fazia qualquer comentário bobo que se encaixava perfeitamente em qualquer uma das nossas piadas internas e eu automaticamente olhava pro lado esperando te encontrar pra gente rir junto, isso sim machucava. Ou quando eu abria o aplicativo pra pedir comida e começava a procurar todos os sabores que não tinham cebola até me dar conta de que quem não gostava de cebola era você, e eu

poderia pedir uma pizza inteira *apenas* de cebola que não teria problema algum. Nossa, isso doía *demais*.

Recriar uma rotina sem você foi um trabalho chato, mas eu sinto que, se precisasse voltar aos nossos velhos hábitos, eu me acostumaria em um segundo. Voltaria a pedir pizza sem cebola, a deixar o volume da TV sempre em um número múltiplo de cinco, a colocar pasta na sua escova de dentes enquanto você toma banho, porque estamos atrasados pra sair e você acredita que se eu te ajudar a poupar o tempo de colocar pasta na escova de dente nós vamos conseguir chegar no horário. Sempre fui muito bom em me adaptar a essas suas manias, e achava que era isso o que nos tornava uma dupla de sucesso.

Mas, hoje, percebo que o problema também foi esse. Com o passar do tempo, a gente deixou de ser um casal e passou a ser uma dupla. Eu devia ter começado a fazer terapia, mas ainda não tive tempo. Nem coragem, sei lá. Essa coisa de “casal que virou dupla” eu descobri sozinho nas noites em que passei me autoanalisando por horas, porque não conseguia dormir direito. Isso meio que conta como terapia, não conta? (Eu sei que não conta, não precisa responder.)

Hoje eu não consigo saber exatamente qual foi o começo do nosso fim. Acho que foram vários caminhos curtos que se encontraram em um ponto único, onde existia uma placa gigante em que estava escrito “O FIM COMEÇA AQUI”. E dali em diante, foi só ladeira abaixo.

Esses caminhos curtos foram todas as brigas bobas que a gente teve. Sua crise de ciúme por causa daquele menino da minha faculdade que eu nem lembro o nome, porque ele era do curso de Direito e a gente não tinha nenhuma aula junto. Ele só me emprestou dinheiro pro ônibus num dia em que eu esqueci meu bilhete em casa e você transformou a situação num circo. Foi ridículo. Teve a nossa minibriga sobre você ter acabado de pagar as parcelas do cartão de crédito e já estar com planos pra parcelar mais coisas e comprar um *videogame* novo ou algo assim. Eu me meti na sua vida financeira sem nem ser chamado – mesmo que

fosse por uma boa causa (eu me preocupava com você e com seu dinheiro), eu não tinha esse direito. Foi ridículo da minha parte, e sou maduro o bastante para reconhecer isso agora. E, sim, estou me dando validação por reconhecer que fui uma pessoa horrível. Depois disso, as minibrigas viraram brigas, que viraram *grandes brigas*. E é triste pensar que, depois de quase um ano sem você, eu não lembro o motivo de quase nenhuma delas. Porque era tudo tão bobo, sabe? Eu me recordo apenas de uma dessas grandes. A primeira, claro. Uma primeira vez que eu não queria ter tido com você.

Nossa primeira briga *de verdade*.

Era o fim do meu primeiro semestre na faculdade e eu estava ficando maluco. Estava pagando a minha língua por ter criticado universitários que só reclamam na internet sobre O Fim Do Semestre, porque sempre achei que tudo era uma grande tempestade em copo d'água. Até que chegou a minha vez e eu percebi que, de fato, a faculdade se torna um grande incêndio descontrolado uma vez a cada seis meses. Eu tinha trabalhos pra entregar, leituras pra concluir, um seminário em grupo para apresentar, e eu odiava todas as pessoas do grupo. Eu estava cansado e emocionalmente exausto, e toda vez que me sentia assim eu corria pra você, porque você sabia me acalmar com sorvete e episódios antigos de *Esquadrão da Moda* no YouTube. Só que daquela vez eu não podia fazer isso. Não podia parar tudo pra ficar quarenta minutos descansando com você, porque seriam quarenta minutos sem concluir tudo o que eu tinha deixado acumular. Eu poderia ter dito isso de maneira clara como estou dizendo agora, mas de alguma forma eu esperava que você adivinhasse. Eu não queria sorvete naquela noite. Queria que me entregasse um resumo pronto e bem-feito dos dois livros que eu precisava terminar de ler. Mas você não podia fazer isso por mim. Você só tinha o sorvete e o *Esquadrão da Moda* e, naquela noite, aquilo não era o bastante.

Eu queria ficar sozinho, mas disse sim quando você perguntou se podia passar a noite em casa. Sei lá por que eu disse sim. Eu não

estava acostumado a dizer não pra você, Henrique. Minha resposta provavelmente foi força do hábito.

Você chegou e a gente começou aquele diálogo clássico que se repetiu por tantas vezes ao longo do restinho do nosso namoro:

“Tá tudo bem?”

“Tá.”

“Não tá não, você tá esquisito.”

“Eu não estou esquisito, eu tô normal.”

“Eu te conheço, você não tá bem.”

“Não é nada.”

“Foi alguma coisa que eu fiz?”

“Não. Tá tudo bem.”

“É só que eu me preocupo com você...”

“Está. Tudo. Bem.”

“Se precisar de alguma coisa é só falar que eu faço.”

“Nem tudo é culpa sua, minha vida não se resume só a nós dois!”

Silêncio constrangedor por alguns minutos até alguém ir à cozinha fingir que está fazendo alguma coisa útil

Os papéis neste diálogo iam se alterando dependendo de quem estava mal no dia. Na primeira vez, fui eu quem explodiu. Fui eu quem fingiu que estava bem e não soube explicar de maneira clara que queria ficar sozinho. Você também não soube me dar o espaço de que eu precisava, mas também você não tinha como adivinhar que eu queria espaço, mas, se me conhecesse tão bem quanto dizia conhecer, será que não estava claro nos meus *sinais* que precisava ficar sozinho?

Tá vendo como é complicado? Porque, olhando o conjunto, os dois meio que tinham razão. E os dois eram culpados ao mesmo tempo. Mas, naquele momento parecia que eu era o dono da verdade e, quando falei que minha vida não se resumia só a nós dois, percebi que você quase chorou. A ideia de te magoar daquele jeito me fez mal, então pedi desculpa e disse que aquilo saiu da boca pra fora, mas a noite ficou esquisita até o fim.

Essa também foi uma primeira vez que eu não queria ter vivido, a primeira vez que menti sobre algo que eu disse pra evitar conflitos.

A verdade é que, de fato, minha vida não era só você e eu. Boa parte dela era, claro, mas eu tinha meus planos, minhas ambições, e não sabia como encaixar você em tudo o que eu queria fazer. Era cansativo como um jogo de Tetris no nível mais difícil, em que todas as peças mudam de tamanho, de forma e de cor o tempo inteiro. Quando eu achava que tudo estava encaixado, alguma coisa acontecia e eu ficava cada vez mais próximo do topo da tela, empilhando as peças da maneira mais afobada possível.

Pensando agora enquanto escrevo, talvez essa seja uma boa comparação para relacionamentos em geral. Um jogo de Tetris que, se não tem uma base organizada, não dura muito tempo. Porque as peças continuam caindo e você precisa ser rápido na hora de encaixar cada coisa em seu lugar. E, quando seu jogo já se transformou naquela pilha maluca e desorganizada, só resta a opção de apertar o botão para as peças caírem mais rápido, porque você já aceitou que não tem mais jeito. É mais fácil terminar por ali. (Quem precisa de terapia quando se tem uma mente brilhante como a minha???) (Eu estou 100% brincando, preciso de terapia urgente!!!)

É difícil saber qual foi a peça que ultrapassou a tela e deu *game over* no nosso namoro. (Juro que vou parar com as metáforas de Tetris agora.) O que eu sei é que, num determinado ponto, a gente estava tão cansado que não dava mais pra continuar. Claro que os últimos meses do nosso namoro não foram só desgraça. Ainda era bom. Só não bom o bastante. Consigo me lembrar de algumas primeiras vezes boas que a gente ainda viveu naqueles meses.

Nosso primeiro beijo na chuva, que eu sempre quis que acontecesse porque a minha personalidade inteira foi construída com comédias românticas dos anos 2000 – que sempre contam com uma cena de beijo na chuva. Foi bom, mas a minha avaliação final é três estrelas. É muito molhado, a roupa fica pesada, e durante o beijo eu fiquei quase que o tempo todo preocupado se o meu celular estava encharcando no meu bolso. Acho que comédias românticas com beijo na chuva desconsideram completamente o fator *celular no bolso*.

*image
not
available*

DATA
CA
CO
MI
GO
5
C
!

OLÍVIA PILAR